

FORMAÇÃO CULTURA AGIC - ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA DOS GUIAS-INTÉRPRETES E CORREIOS
DE TURISMO

O QUOTIDIANO MONÁSTICO EM LORVÃO SÉCULOS XIII A XVI

31 de janeiro e 1 de fevereiro de 2023.

Local: Mosteiro de Lorvão

Coordenação científica: Luís Miguel Rêpas e
Catarina Fernandes Barreira

Organização: AGIC, Instituto de Estudos
Medievais da NOVA FCSH /Projeto Books,
rituals and space in a Cistercian nunnery.
Living, praying and reading in Lorvão, 13th –
16th centuries (PTDC/ART-HIS/0739/2020) e
Câmara Municipal de Penacova.



Apoiado pela FCT no âmbito do projecto estratégico e programático com as referências UIDB/00749/2020 e UIDP/00749/2020 (IEM / NOVA FCSH)

O Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a Câmara Municipal de Penacova e a Associação Portuguesa dos Guias-Intérpretes e Correios de Turismo (AGIC) propõem um curso destinado a guias-intérpretes sobre o quotidiano monástico no Mosteiro de Lorvão nos séculos XIII a XVI.

O principal objetivo é dotar os participantes de conhecimentos que lhes permitam interpretar e contextualizar as vivências do quotidiano do Mosteiro de Lorvão, a partir de 1211 (data em que aí se instala a primeira comunidade cisterciense feminina portuguesa), a sua relação com o território e com os poderes que nele se cruzam e sob cuja proteção floresce durante a Idade Média. Serão abordados aspetos relacionados com a arquitetura, a liturgia e a sua performance ou os livros que existiram no Mosteiro de Lorvão, bem como as figuras mais importantes que marcaram o mosteiro, as suas manifestações heráldicas (que aí ficaram bem patentes e que ainda hoje se podem admirar) e as vivências desta importante comunidade conventual. Esta formação, a realizar presencialmente no Mosteiro de Lorvão, conta com o contributo de diversos investigadores, especialistas no tema, que partilharão o seu conhecimento e a sua experiência com os participantes.

O QUOTIDIANO MONÁSTICO EM LORVÃO.
SÉCULOS XIII A XVI

PROGRAMA

31 DE JANEIRO

14h00 - 14h50

Luís Miguel Rêpas | *Lorvão: da fundação dos monges à comunidade das monjas*

14h50 - 15h40

João Luís Fontes | *Viver sob a Regra de São Bento: a proposta de Císter*

15h40 - 16h10 | Pausa para café (e doces conventuais)

16h10 - 17h00

Luís Miguel Rêpas | *D. Teresa e a comunidade de Lorvão nos séculos XIII e XIV*

17h00 - 17h50

Catarina Fernandes Barreira | *O scriptorium e a biblioteca do Mosteiro de Lorvão*

1 DE FEVEREIRO

09h30 - 10h20

Catarina Fernandes Barreira | *Noviciar, professar, viver e morrer no Mosteiro de Lorvão*

10h20 - 11h10

Luís Miguel Rêpas | *Viver no Mosteiro: mitos e realidades da reclusão feminina (entre a normativa e a prática)*

11h10 - 11h40 | Pausa para café (e doces conventuais)

11h40 - 12h40

Alberto Medina de Seiza | *Cantar em Lorvão*

12h40 - 14h30 | Almoço

14h30 - 16h00

Miguel Metelo de Seixas | *Representações heráldicas no Mosteiro de Lorvão (visita ao Mosteiro)*

16h00 - 17h30

Catarina Fernandes Barreira | *Espaço e liturgia (visita ao Mosteiro)*

RESUMOS

Luís Miguel Rêpas | *Lorvão: da fundação dos monges à comunidade das monjas*

O Mosteiro de Lorvão tem um longo e riquíssimo passado, muito anterior à implantação da Ordem de Cister em Portugal e à instalação das monjas nesse local. Na verdade, as suas origens permanecem, ainda hoje, por clarificar, não havendo consenso entre os investigadores quanto à cronologia da sua fundação. Certo é que foi habitado, inicialmente, por monges, cuja existência se documenta a partir de inícios do século X, no seguimento da primeira reconquista de Coimbra (987), e que exerceu um papel determinante no povoamento das áreas então conquistadas. Os monges adotaram a Regra de São Bento ainda no século XI, no contexto da Reforma Gregoriana, e, pouco tempo depois, viram o seu mosteiro ser doado, juntamente com todos os seus bens, pelos condes portucalenses D. Henrique e D. Teresa ao bispo de Coimbra (na altura D. Gonçalo Pais) e à sua Sé (1109). Restaurado pouco tempo depois, em 1116, não mais voltou a ter plena autonomia e nem a excelência das várias obras produzidas no seu scriptorium impediu o bispo de Coimbra D. Pedro Soares, nos inícios do século XIII, de mover um processo junto da Cúria Pontifícia que levou à expulsão dos monges beneditinos do Mosteiro de Lorvão e à instalação de uma comunidade de monjas cistercienses nesse local, sob a tutela da rainha D. Teresa (filha de Sancho I de Portugal), que foi a primeira do reino.

João Luís Fontes | *Viver sob a Regra de São Bento: a proposta de Cister*

Cister aparece, em finais do século XI, como um "monaquismo novo", propondo um regresso à letra e ao espírito mais autêntico da Regra de São Bento. Reagindo assim a leituras da vida beneditina que haviam desequilibrado a relação entre oração e trabalho e transformado os mosteiros em poderosas e influentes entidades senhoriais, Cister recupera o monge na sua faceta penitente, solitária, afastado do mundo, vivendo de forma austera e simples, num quotidiano que voltava a remeter a liturgia para os seus justos limites. É a partir, pois, da Regra de São Bento e da leitura que Cister dela faz que procuraremos entender a vida desta comunidade monástica, o horizonte e o ideal pelos quais pautavam o ritmo dos seus dias.

Luís Miguel Rêpas | *D. Teresa e a comunidade de Lorvão nos séculos XIII e XIV*

D. Teresa desempenhou um papel da maior importância na história do Mosteiro de Lorvão. Foi, sem dúvida, a sua grande figura e encontra-se, também por isso, aí sepultada. Filha do segundo rei de Portugal (D. Sancho I), esposa de um rei de Leão (D. Afonso IX), ainda que o seu casamento viesse a ser anulado pelo papa, mãe de três filhos, os legítimos herdeiros do trono de Leão, irmã do terceiro rei de Portugal (D. Afonso II), contra quem combateu vigorosamente, dando início a uma guerra na qual contou com o apoio do seu ex-marido (D. Afonso IX de Leão), do seu filho (o Infante D. Fernando, herdeiro do trono de Leão) e do seu irmão (D. Pedro Sanches), e tia do quarto rei de Portugal (D. Sancho II), contra quem também se opôs, apoiando a facção do seu outro sobrinho, o Conde de Bolonha (depois D. Afonso III), numa nova guerra civil (1245-1247), D. Teresa é, muito provavelmente, uma das maiores e mais interessantes figuras da História de Portugal. Teve uma vida com múltiplas facetas, de entre as quais destacamos o seu envolvimento nas grandes questões políticas da sua época, e nas conseqüentes operações militares, que a levaram, por exemplo, a defender-se no seu castelo de Montemor-o-Velho, onde esteve cercada pelas tropas do rei seu irmão, D. Afonso II, bem como a sua ação de favorecimento e proteção ao Mosteiro de Lorvão, no claustro do qual tinha a sua câmara, que fez com que fosse beatificada, nos inícios do século XVIII. Este protagonismo acabou, como é natural, por determinar o recrutamento das monjas de Lorvão no século XIII, o qual foi condicionado por outros fatores ao longo do século XIV, de entre os quais se destacam a concorrência do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra (de espiritualidade mendicante, e protegido e apoiado pela Rainha Santa Isabel) e a Peste Negra.

Catarina Fernandes Barreira | *O scriptorium e a biblioteca do Mosteiro de Lorvão*

Antes da instalação das monjas no Mosteiro de Lorvão, a comunidade de monges beneditinos que o habitava tinha um scriptorium em funcionamento, onde se produziam livros, verdadeiras obras de arte, encontrando-se uma delas (o “Apocalipse do Lorvão”) hoje inscrita pela UNESCO no Registo de Memória do Mundo. O que aconteceu a estes códices com a chegada das monjas cistercienses, em 1211? Que códices precisaram as monjas lorvanenses para darem início à vida em comunidade? Como os obtiveram? E que livros tinham as monjas no século XVI? Nesta intervenção é nossa intenção tentar responder às questões colocadas, tendo em conta que a prática litúrgica é o centro da vida monástica e que os cistercienses “precisam de livros”.

Catarina Fernandes Barreira | *Noviciar, professar, viver e morrer no Mosteiro de Lorvão*

Entre 1211 e o século XVI, o que significava fazer o noviciado num mosteiro cisterciense como Lorvão? Como se chegava a monja? E a abadessa? Que outras pessoas existiam num mosteiro feminino? E o que acontecia quando um membro da comunidade morria? Nesta intervenção serão abordados, de forma breve, vários aspetos da vida desta comunidade monástica, do dia-a-dia das monjas lorvanenses e das diferentes hierarquias existentes.

Luís Miguel Rêpas | *Viver no Mosteiro: mitos e realidades da reclusão feminina (entre a normativa e a prática)*

O imaginário coletivo associa a vida num mosteiro feminino à reclusão, independentemente da ordem a que pertencia. E, de facto, a observância rigorosa da clausura monástica encontra-se entre os vários aspetos que a Ordem de Cister, em particular, e a Igreja, de uma forma geral, procuraram impor aos seus mosteiros femininos. A questão é que, tal como hoje, no nosso dia a dia, uma coisa é a normativa (com todas as regras que lhes eram impostas), que é, afinal, o que melhor se conhece e que preenche o imaginário coletivo, e outra é a prática, muito diferente daquela. Centraremos a nossa análise precisamente nessas diferenças, abordando temas como a promessa de estabilidade, o voto de pobreza, a clausura monástica, a castidade e o silêncio.

Alberto Medina de Seiza | *Cantar em Lorvão*

“Sete vezes ao dia eu te louvo, Senhor, e levanto-me durante a noite para cantar a tua glória”. Fiéis ao preceito do salmista, que a regra de São Bento acolhe, as comunidades monásticas cistercienses pautam o seu quotidiano pelos serviços litúrgicos, consagrando assim largas horas à oração cantada: na Missa, nas horas do Ofício, nas procissões, e em diversos outros rituais, o canto tem uma função essencial, omnipresente. No contexto desta formação, procura-se traçar um panorama da realidade litúrgico-musical num mosteiro cisterciense feminino durante a Idade Média.

Miguel Metelo de Seixas | Representações heráldicas no Mosteiro de Lorvão (visita ao Mosteiro)

Tal como a generalidade das casas religiosas existentes em Portugal, o Mosteiro de Lorvão exhibe uma quantidade assinalável de manifestações heráldicas. Estas são apenas, contudo, um pálido reflexo do que em tempos deve ter sido um património armoriado muito mais considerável. A visita guiada a este mosteiro cisterciense tratará, em primeiro lugar, de inventariar e identificar a heráldica aí subsistente, dando assim a conhecer as instituições e as pessoas que se encontram nele representadas por este meio. Além da dimensão identificativa, procurar-se-á em seguida indagar os intuitos de tal presença, revelando as funções que tais manifestações armoriadas estabelecem quer com os espaços onde se inserem, quer com os rituais religiosos neles praticados.

Catarina Fernandes Barreira | Espaço e Liturgia (visita ao Mosteiro)

Nesta visita ao Mosteiro de Lorvão pretende-se observar os espaços em articulação, por um lado, com as vivências diárias das monjas e com as performances litúrgicas inerentes à vida monástica e, por outro, com a interação que, necessariamente, tinha de existir entre as monjas e os seus capelães ou outros homens que lhes davam apoio espiritual. Em Portugal, com origem nas comunidades cistercienses de Alcobaça e de Lorvão sobreviveu um conjunto de textos litúrgicos e de outras fontes que nos permitem reconstituir, ainda que de forma limitada, orações, gestos e percursos que se desenrolavam de forma ritualizada pelos espaços monásticos. Assim, de forma muito breve, serão observados rituais como o do noviciado, o da profissão monástica ou os procedimentos envolvidos no sacramento da extrema unção e da morte de um membro da comunidade. Por fim, será abordado o tema do livro e o seu papel para esta comunidade cisterciense feminina, nomeadamente os locais que lhe estão associados, quer à sua guarda e uso, quer à sua conservação.

Alberto Medina de Seiza é, presentemente, investigador integrado no Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A sua dissertação de Doutoramento em Musicologia, defendida em 2019, na mesma Faculdade, centrou-se no cantochão a partir de fontes da Catedral de Coimbra. É membro do corpo editorial da *Portuguese Early Music Database* e da Comissão Científica do *Catálogo do Arquivo Musical do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança*. No âmbito da prática coral, é fundador e diretor da Capela Gregoriana Psalterium e do Coro Vox Aetherea, foi diretor do Coro do Santuário de Fátima (2013-2016) e é diretor do Coro da Sé de Coimbra.

Catarina Fernandes Barreira é investigadora integrada do Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e colaboradora do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Doutorou-se em Ciências da Arte, pela Universidade de Lisboa, e, no âmbito do seu pós-doutoramento, centrou o seu trabalho no estudo dos manuscritos iluminados do Mosteiro de Alcobaça durante os séculos XIV e XV. Atualmente, a sua investigação incide nos códices litúrgicos produzidos no *scriptorium* de Alcobaça entre os finais do século XII e o século XVI, centrando-se nos contextos de produção, circulação e uso dos mesmos. Dirigiu o Projeto *Horizontes cistercienses*, sobre o *scriptorium* de Alcobaça, que terminou em Setembro de 2022, e é a Investigadora Principal do projeto *Livros, rituais e espaço num mosteiro cisterciense feminino. Viver, ler e rezar em Lorvão nos séculos XIII a XVI* (ref.^a PTDC/ART-HIS/0739/2020), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

João Luís Fontes é Professor Auxiliar de História Medieval na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde defendeu o seu Doutoramento com uma tese intitulada "Da "Pobre Vida" à Congregação da Serra de Ossa. Génese e institucionalização de uma experiência eremítica (1366-1510)". É, igualmente, investigador do Instituto de Estudos Medievais da mesma Faculdade e do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Entre 2013 e 2019, foi investigador de pós-doutoramento, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com o projeto "O deserto na cidade: experiências religiosas femininas no Portugal tardo-medieval (1350-1525)". Os seus atuais interesses de investigação centram-se no eremitismo, na espiritualidade dos leigos, na literatura hagiográfica, na cultura e piedade da corte e da nobreza, nas elites sociais, na geografia e no património das instituições religiosas, nos rituais e nas devoções litúrgicas, na história da espiritualidade e na história da mulher.

Luís Miguel Rêpas é Doutorado em História Medieval, pela Universidade de Coimbra, com uma tese intitulada *Esposas de Cristo. As Comunidades Cistercienses Femininas na Idade Média*, que defendeu em 2021 e que foi distinguida com o "Prémio A. de Almeida Fernandes", de História Medieval Portuguesa. É Investigador do Instituto de Estudos Medievais (FCSH/UNOVA) e do Centro de História da Sociedade e da Cultura (FLUC). Tem-se dedicado ao estudo da Idade Média, desenvolvendo trabalhos, sobretudo, nos domínios da História da Religião (Monaquismo), da Sociedade e da Cultura. Atualmente, é Professor Auxiliar Convidado de História Medieval na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e encontra-se a trabalhar, como investigador contratado, no Projeto *Livros, rituais e espaço num mosteiro cisterciense feminino. Viver, ler e rezar em Lorvão nos séculos XIII a XVI* (ref.^a PTDC/ART-HIS/0739/2020), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.



Miguel Metelo de Seixas doutorou-se em História, em 2010, e é, desde 2011, investigador integrado do Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Para além das funções docentes que desempenhou em universidades estrangeiras e que tem vindo a desempenhar, em Portugal, em unidades curriculares de Mestrado e Doutoramento, também coordenou o projeto “In the Service of the Crown. The use of heraldry in royal political communication in Late Medieval Portugal”, uma parceria entre o Instituto de Estudos Medievais e a Universidade de Münster (na Alemanha), financiado pela Volkswagen Foundation, entre 2015 e 2018, e participou em numerosos projetos de investigação, envolvendo vários países. Conta com cerca de uma centena de publicações na área da heráldica e da história, editadas em Portugal, no Brasil, na França, em Espanha, na Alemanha, na Grã-Bretanha e em Itália. Foi Presidente do Instituto Português de Heráldica e diretor da revista *Armas e Troféus* entre 2010 e 2021.